

Com a Força do Amor

O principal apostolado que nós cristãos, temos que realizar no mundo, o melhor testemunho de fé, é contribuir para que dentro da Igreja se respire o clima da autêntica caridade.

30/10/2023

Misturado entre a multidão, um daqueles peritos que já não conseguiam discernir os ensinamentos revelados a Moisés, porque eles mesmos os haviam emaranhado numa estéril casuística,

fez uma pergunta ao Senhor. Jesus abre seus lábios divinos para responder a esse doutor da Lei, e diz-lhe pausadamente, com a segura persuasão de quem fala por experiência: *"Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento. Este é o primeiro e o maior mandamento. O segundo é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. A estes dois mandamentos se reduz toda a Lei e os profetas* (Mt XXII, 37-40).

Reparai agora no Mestre reunido com os seus discípulos, na intimidade do Cenáculo. Aproxima-se o momento da sua Paixão, e o coração de Cristo, rodeado por aqueles a quem ama, estala em labaredas inefáveis: *Dou-vos um mandamento novo, confia-lhes: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei; e que, como eu vos amei, assim também vos ameis uns aos outros. Nisto*

conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros (Jo XXIII, 34-35).

Para nos aproximarmos do Senhor através das páginas do Santo Evangelho, recomendo sempre que nos esforcemos por meter-nos de tal modo na cena, que dela participemos como um personagem mais. Sei de tantas almas normais e comuns que o fazem! Assim chegaremos a ensimesmar-nos, como Maria, que permanecia pendente das palavras de Jesus; ou nos atreveremos, como Marta, a manifestar-lhe sinceramente as nossas inquietações, até as mais insignificantes (Cfr. Lc X, 39-40).

Senhor! Por que chamas novo a este mandamento? Como acabamos de escutar, o amor ao próximo já estava prescrito no Antigo Testamento, e todos nos lembramos também de que Jesus, logo nos começos de sua vida

pública, ampliou essa exigência com divina generosidade:*Ouvistes o que foi dito: amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu vos peço mais: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos aborrecerem e orai pelos que vos perseguem e caluniam* (Mt V, 43-44).

Senhor! Permite-nos insistir: por que continuas chamando novo a este preceito? Naquela noite, poucas horas antes de te imolares na cruz, durante essa conversa cheia de intimidade com os que – apesar de suas fraquezas e misérias pessoais, como as nossas – te acompanharam até Jerusalém, Tu nos revelaste a medida insuspeitada da caridade:*como eu vos amei.* Como não haviam de entender-te os Apóstolos, se tinham sido testemunhas do teu amor insondável!

A pregação e o exemplo do Mestre são claros, precisos. Sublinhou com obras a sua doutrina. E, no entanto, tenho pensado muitas vezes que, depois de vinte séculos, aquele mandamento ainda continua a ser *novo*, porque muito poucos homens se preocuparam de praticá-lo; a maioria preferiu e prefere não tomar conhecimento. Com um egoísmo exacerbado, concluem: para quê mais complicações, se já me bastam e me sobram as minhas?

Não é concebível semelhante atitude entre os cristãos. Se professamos essa mesma fé, se deveras ambicionamos pôr os pés sobre o trilho nítido que deixaram na terra as pegadas de Cristo, não devemos conformar-nos com a preocupação de evitar aos outros os males que não desejamos para nós mesmos. Isso é muito, mas é pouco, quando compreendemos que a medida do nosso amor se define pelo

comportamento de Jesus. Além disso, Ele não nos propõe essa norma de conduta como uma meta longínqua, como o coroamento de toda uma vida de luta. É – deve ser, insisto, para que o traduzas em propósitos concretos – o ponto de partida, porque Nosso Senhor o estabelece como sinal prévio: *Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos.*

Jesus Cristo, Nosso Senhor, encarnou-se e assumiu a nossa natureza para se mostrar à Humanidade como modelo de todas as virtudes.

Aprende de mim – convida-nos Ele –, *que sou manso e humilde de coração* (Mt XI, 29). Mais tarde, porém, quando explicar aos Apóstolos o sinal pelo qual serão reconhecidos como cristãos, não lhes dirá: porque sois humildes. Ele é a pureza mais sublime, o Cordeiro imaculado. Nada podia macular a sua santidade perfeita, sem mancha (Cfr. Jo VIII,

46). Mas também não afirma: perceberão que estão diante dos meus discípulos porque sois castos e limpos. Passou por este mundo no mais completo desprendimento dos bens da terra. Sendo o Criador e Senhor de todo o Universo, faltava-lhe até um lugar onde reclinar a cabeça (Cfr. Mt VIII, 20). No entanto, não comenta: saberão que sois dos meus porque não vos apegastes às riquezas. Permanece durante quarenta dias, com suas noites, no deserto, em jejum rigoroso (Cfr. Mt IV, 2), antes de se dedicar à pregação do Evangelho. E, do mesmo modo, não assevera aos seus: compreenderão que servis a Deus porque não sois comilões nem bebedores.

A característica que distinguirá os apóstolos, os cristãos autênticos de todos os tempos, já a ouvimos: *Nisto – precisamente nisto – conhecerão todos que sois meus discípulos, em*

que tendes amor uns aos outros (Jo XIII, 35).

Parece-me perfeitamente lógico que os filhos de Deus se tenham sentido sempre profundamente tocados – como tu e eu nestes momentos – com essa insistência do Mestre. *Como prova da fidelidade dos seus discípulos, o Senhor não estabelece os prodígios ou os milagres inauditos, embora lhes tenha conferido o poder de os realizar, no Espírito Santo. Que lhes comunica? Saberão que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros* (São Basílio, *Regulae fusius tractatae*, III (PG 31, 918)).

PEDAGOGIA DIVINA

Não odiar o inimigo, não retribuir o mal com o mal, renunciar à vingança, perdoar sem rancor, eram coisas que então – e ainda hoje, não nos enganemos – se consideravam como uma conduta insólita, demasiado heroica, fora dos padrões

normais. Até aqui chega a mesquinhez das criaturas.

Jesus Cristo, que veio salvar todos os homens e deseja associar os cristãos à sua obra redentora, quis ensinar aos seus discípulos – a ti e a mim – uma caridade grande, sincera, mais nobre e valiosa: devemos amar-nos mutuamente como Cristo ama a cada um de nós. Só dessa maneira, imitando – dentro da nossa rudeza pessoal – os modos divinos, conseguiremos abrir o nosso coração a todos os homens, amar de um modo mais alto, inteiramente novo.

Que bem puseram os primeiros cristãos em prática essa caridade ardente, que sobressaía com excesso para lá dos cumes da simples solidariedade humana ou da benignidade de caráter! Amavam-se entre si, doce e fortemente, enraizados no Coração de Cristo. Um escritor do século II, Tertuliano,

transmitiu-nos o comentário que os pagãos faziam ao contemplarem, comovidos, a conduta dos fiéis de então, tão cheia de atrativo sobrenatural e humano: *Vede como se amam* (Tertuliano, *Apologeticus*, XXXIX (PL 1, 471)), repetiam.

Se percebes que tu – agora ou em tantos pormenores do teu dia – não mereces esse louvor, que o teu coração não reage como devia às instâncias divinas, pensa também que chegou para ti o tempo de retificar. Atende ao convite de São Paulo: *Façamos o bem a todos, especialmente aos que pela fé pertencem à nossa própria família* (Gal VI, 10), ao Corpo Místico de Cristo.

O principal apostolado que nós cristãos, temos que realizar no mundo, o melhor testemunho de fé, é contribuir para que dentro da Igreja se respire o clima da autêntica

caridade. Quando não nos amamos de verdade, quando há ataques, calúnias e rixas, quem se sentirá atraído pelos que se apresentam como mensageiros da Boa nova do Evangelho?

É muito fácil, e está muito de acordo com a moda, afirmar com a boca que se ama a todas as criaturas, crentes e não crentes. Mas, se quem fala assim maltrata os irmãos na fé, duvido que na sua conduta exista algo diferente do *palavreado hipócrita*. Pelo contrário, quando amamos no Coração de Cristo *os que conosco são filhos de um mesmo Pai, estão associados numa mesma fé e são herdeiros de uma mesma esperança* (Minúcio Felix, *Octavius*, XXXI (PL 3, 338)), a nossa alma se engrandece e arde em ânsias de que todos se aproximem de Nosso Senhor.

Venho recordando-vos as exigências da caridade, e talvez um ou outro

possa pensar que está faltando precisamente essa virtude nas palavras que acabo de pronunciar. Nada de mais oposto à realidade. Posso assegurar-vos que, com um santo orgulho e sem falsos ecumenismos, me enchi de profunda alegria quando, no passado Concílio Vaticano II, ganhava corpo com intensidade renovada a preocupação de levar a Verdade aos que andam afastados do único Caminho, o de Jesus, pois me consome a fome de que a humanidade inteira se salve.

Sim, foi muito grande a minha alegria, também porque se via confirmado novamente um apostolado tão preferido do Opus Dei como é o apostolado *ad fidem*, o apostolado com os que não têm fé, que não rejeita nenhuma pessoa e admite os não cristãos, os ateus, os pagãos, a participarem, na medida do possível, dos bens espirituais da nossa Associação; é uma longa

história de dor e de lealdade, que contei em outras ocasiões. Por isso repito sem medo que considero hipócrita e embusteiro o zelo que incita a tratar bem os que estão longe, enquanto de passagem espezinha ou despreza os que vivem conosco a mesma fé. Como também não acredito que te interesses pelo último pobre da rua se martirizas os da tua casa; se permaneces indiferente às suas alegrias, penas e desgostos; se não te esforças por compreender ou passar por alto os seus defeitos, sempre que não sejam ofensa a Deus.

Não vos comove que o Apóstolo João, já na velhice, empregue a maior parte de uma das suas epístolas em exortar-nos em manter uma conduta de acordo com essa doutrina divina? O amor que deve existir entre os Cristãos nasce de Deus que é Amor. *Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque a caridade procede de*

Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é Amor (1 Jo IV, 7-8). Detém-se na caridade fraterna, pois por Cristo fomos convertidos em filhos de Deus. *Vede que amor nos manifestou o Pai, em querer que sejamos chamados filhos de Deus e que o sejamos realmente* (1 Jo III, 1).

E, enquanto fere energicamente as nossas consciências, para que se tornem mais sensíveis à graça divina, insiste em que recebemos uma prova maravilhosa do amor do Pai pelos homens: *Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco: em que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por Ele tenhamos a vida* (1 Jo IV, 9). O Senhor tomou a iniciativa, vindo ao nosso encontro. Deu-nos esse exemplo para que acorramos com Ele a servir os outros, para que – gosto de repeti-lo – ponhamos generosamente o nosso

coração no chão, de modo que os outros pisem macio e se torne mais amável a sua luta. Devemos comportar-nos assim porque fomos feitos filhos do mesmo Pai, desse Pai que não duvidou em entregar-nos o seu Filho muito amado.

Não somos nós que construímos a caridade; ela nos invade com a graça de Deus, *porque foi Ele que nos amou primeiro* (1 Jo IV, 10). Convém que nos impregnemos bem desta verdade belíssima: *Se podemos amar a Deus, é porque por Deus fomos amados* (Orígenes, *Commentarii in Epistolam ad Romanos*, IV, 9 (PG 14, 997)). Tu e eu estamos em condições de esbanjar carinho a mãos cheias entre os que nos rodeiam, porque nascemos para a fé pelo Amor do Pai. Pedi ousadamente ao Senhor este tesouro, esta virtude sobrenatural da caridade, para levá-la à prática até ao seu último detalhe.

Com frequência nós, os cristãos, não soubemos corresponder a esse dom; às vezes o rebaixamos, como se não passasse de uma esmola sem alma, fria; ou o reduzimos a atitudes de beneficência mais ou menos formalista. Exprimia bem esta aberração a resignada queixa de uma doente: aqui tratam-me com *caridade*, mas minha mãe cuidava de mim com *carinho*. O amor que nasce do coração de Cristo não pode dar lugar a esse tipo de distinções.

Para que esta verdade se gravasse de uma forma gráfica na vossa cabeça, preguei em milhares de ocasiões que nós não possuímos um coração para amar a Deus e outro para querer bem às criaturas; este nosso pobre coração, de carne, ama com um carinho humano que, se estiver unido ao amor de Cristo, é também sobrenatural. Essa e não outra é a caridade que devemos cultivar na alma, a que nos levará a descobrir

nos outros a imagem de Nosso Senhor.

UNIVERSALIDADE DA CARIDADE

*Com o nome de próximo – diz São Leão Magno – não devemos considerar apenas os que se unem a nós pelos laços da amizade ou do parentesco, mas todos os homens, com quem temos uma comum natureza... Um só Criador nos fez, um só Criador nos deu alma. Todos gozamos do mesmo céu e do mesmo ar, dos mesmos dias e das mesmas noites, e embora uns sejam bons e outros maus, uns justos e outros injustos, Deus, no entanto, é generoso e benigno com todos (São Leão Magno, *Sermo XII, II* (PL 54, 170)).*

Os filhos de Deus forjam-se na prática desse mandamento novo, aprendem na Igreja a servir e não a ser servidos (Cfr. Mt XX, 28), e sentem-se com forças para amar a humanidade de um modo novo, em

que todos perceberão o fruto da graça de Cristo. O nosso amor não se confunde com a atitude sentimental, nem com a simples camaradagem, nem com o propósito pouco claro de ajudar os outros para provarmos a nós mesmos que somos superiores. É conviver com o próximo, venerar – insisto – a imagem de Deus que há em cada homem, procurando que também ele a contemple, para que saiba dirigir-se a Cristo.

Universalidade da caridade significa, por isso, universalidade do apostolado; significa traduzirmos em obras e verdade o grande empenho de Deus, *que quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade* (1 Tim II, 4).

Se devemos amar também os inimigos – refiro-me aos que nos incluem entre os seus inimigos; em não me sinto inimigo de ninguém nem de nada – temos de amar com

mais razão os que simplesmente estão longe, os que nos são menos simpáticos, os que, pela sua língua, pela sua cultura ou educação, se parecem ao que há de mais oposto a ti e a mim.

De que amor se trata? A Sagrada Escritura fala-nos de *dilectio* – dileção –, para que se compreenda bem que não se refere apenas ao afeto sensível. Exprime antes uma determinação firme, da vontade. *Dilectio* deriva de *electio*, escolha. Eu acrescentaria que amar, em linguagem cristã, significa *querer querer*, decidir-se em Cristo a promover o bem das almas sem discriminações de gênero algum, conseguindo para elas, antes de mais nada, o que há de melhor: que conheçam Cristo, que se enamorem dEle.

O Senhor insta conosco: *Portai-vos bem com os que vos aborrecem e orai*

pelos que vos perseguem e caluniam (Mt V, 44). Pode ser que não nos sintamos humanamente atraídos pelas pessoas que nos repeliriam, se delas nos aproximássemos. Mas Jesus exige que não lhes retribuamos o mal com o mal; que não desaproveitemos as ocasiões de servi-las com o coração, ainda que nos custe; que não deixemos nunca de tê-las presentes em nossas orações.

Essa *dilectio*, essa caridade, reveste-se de matizes mais íntimos quando se refere aos irmãos na fé, e especialmente aos que, por Deus assim o ter disposto, trabalham mais perto de nós: os pais, o marido ou a mulher, os filhos e os irmãos, os amigos e os colegas, os vizinhos. Se não existisse esse carinho, amor humano nobre e limpo, ordenado por Deus e nEle enraizado, não haveria caridade.

MANIFESTAÇÕES DO AMOR

Gosto de repetir umas palavras que o Espírito Santo nos comunica através do profeta Isaías: *Discite benefacere*, aprendei a fazer o bem (Is I, 17). Costumo aplicar este conselho aos diversos aspectos da nossa luta interior, porque a vida cristã nunca se pode dar por terminada, uma vez que o crescimento nas virtudes surge como consequência de um empenho efetivo e cotidiano.

Numa tarefa qualquer da sociedade, como é que aprendemos? Primeiro examinamos o fim desejado e os meios necessários para atingi-lo. Depois perseveramos repetidas vezes na utilização desses recursos, até criarmos um hábito, arraigado e firme. No momento em que aprendemos alguma coisa, descobrimos outras que ignorávamos e que constituem um estímulo para continuarmos esse trabalho sem nunca dizer que basta.

A caridade com o próximo é uma manifestação de amor a Deus. Por isso, não podemos estabelecer limite algum ao nosso esforço por melhorar nessa virtude. Com o Senhor, a única medida é amar sem medida. Por um lado, porque nunca chegaremos a agradecer bastante o que Ele fez por nós; por outro, porque o próprio amor de Deus pelas suas criaturas se revela assim: com excesso, sem cálculo, sem fronteiras.

No Sermão da Montanha, Jesus ensina o preceito divino da caridade a todos os que estão dispostos a abrir-lhe os ouvidos da alma. E, ao concluir, explica como resumo: *Amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar nada em troca, e será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, porque Ele é bom mesmo com os ingratos e os maus. Sede, pois misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso* (Lc VI, 35-36).

A misericórdia não se detém numa estrita atitude de compaixão; a misericórdia identifica-se com a superabundância da caridade, que por sua vez arrasta consigo a superabundância da justiça.

Misericórdia significa manter o coração em carne viva, humana e divinamente transido de um amor rijo, sacrificado, generoso. Assim comenta São Paulo a caridade, no seu cântico a essa virtude: *A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não age precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus interesses, não se irrita, não pensa mal, não se alegra com a injustiça, mas compraz-se na verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre* (1 Cor XIII, 4-7).

Uma das suas primeiras manifestações traduz-se em iniciar a alma nos caminhos da humildade. Quando sinceramente nos consideramos nada, quando

compreendemos que, sem o auxílio divino, a mais débil e fraca das criaturas seria melhor que nós; quando nos reconhecemos capazes de todos os erros e de todos os horrores; quando nos sabemos pecadores, embora lutemos com empenho por afastar-nos de tantas infidelidades – como havemos de pensar mal dos outros? Como podemos alimentar no coração o fanatismo, a intolerância, a altivez presunçosa?

A humildade leva-nos como que pela mão a essa forma de tratar o próximo que é sem dúvida a melhor: a de compreender a todos, conviver com todos, desculpar a todos; a de não criar divisões nem barreiras; a de comportar-nos – sempre! – como instrumentos de unidade. Não em vão existe no fundo do homem uma aspiração forte à paz, à união com os seus semelhantes, ao mútuo respeito dos direitos da pessoa, de maneira

que esse respeito se transforme em fraternidade. É o reflexo de um dos traços mais valiosos da nossa condição humana; se todos somos filhos de Deus, a fraternidade nem se reduz a um lugar-comum nem é um ideal ilusório; sobressai como meta difícil, mas real.

Em face de todos os cínicos, dos célicos, dos desamorados, dos que converteram a sua própria covardia numa mentalidade, nós, os cristãos, temos que demonstrar que esse carinho é possível. Talvez haja muitas dificuldades para nos comportarmos assim, porque o homem foi criado livre e tem o poder de desafiar inútil e amargamente o próprio Deus. Mas é algo possível e real, porque essa conduta nasce necessariamente do amor de Deus e do amor a Deus. Se tu e eu queremos, Jesus Cristo também o quer. Então compreenderemos em toda a sua profundidade e em toda a sua

fecundidade a dor, o sacrifício e a desinteressada entrega de nós mesmos na convivência diária.

A PRÁTICA DA CARIDADE

Pecaria por ingênuo quem pensasse que as exigências da caridade cristã se cumprem com facilidade. Muito diferente se mostra a realidade que experimentamos no dia a dia da humanidade e, infelizmente, no seio da Igreja. Se o amor não nos obrigasse a calar, cada um contaria uma longa história de divisões, de ataques, de injustiças, de murmurações, de insídias. Temos que admitir com simplicidade, para tratar de pôr remédio adequado a essa situação, mediante um esforço pessoal por não ferir, por não maltratar, por corrigir sem deixar ninguém esmagado.

Não são coisas de hoje. Poucos anos depois da Ascensão de Cristo aos céus, quando ainda andavam de um

lado para outro quase todos os Apóstolos, e por toda a parte se notava um fervor esplêndido de fé e de esperança, já muitos começavam a desencaminhar-se, a não viver a caridade do Mestre.

Havendo entre vós rivalidades e contendas – escreve São Pedro aos de Corinto –, não é porque sois carnais e vos comportais como homens?

Porque, quando um diz: Eu sou de Paulo; e outro; Eu sou de Apolo, não se está vendendo que ainda sois homens (1 Cor III, 3-4), que não compreendem que Cristo veio transpor todas essas divisões? Que é Apolo? E que é Paulo? Ministros d'Aquele de quem acreditastes, na medida em que a cada um o Senhor o concedeu (1 Cor III, 4-5).

O Apóstolo não rejeita a diversidade: cada um tem de Deus o seu próprio dom, uns de uma maneira, outros de outra (Cfr. 1 Cor VII, 7). Mas essas

diferenças devem estar a serviço do bem da Igreja. Eu me sinto impelido agora a pedir ao Senhor – uni-vos, se o desejardes, à minha oração – que não permita que na Igreja a falta de amor semeie cizânia entre as almas. A caridade é o sal do apostolado dos cristãos: se o sal perde o sabor, como poderemos apresentar-nos diante do mundo e dizer-lhe de cabeça erguida: *Aqui está Cristo?*

Portanto, repito-vos com São Paulo: *Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como bronze que soa ou como címbalo que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e se tivesse toda a fé, a ponto de mudar os montes de um lado para outro, se não tiver caridade, nada sou. E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres e entregasse o meu corpo para ser*

queimado, se não tiver caridade, nada disso me aproveita (1 Cor XIII, 1-3).

Perante estas palavras do Apóstolo das Gentes, há quem concorde com aqueles discípulos que, quando Nosso Senhor lhes anunciou o Sacramento da sua Carne e do seu Sangue, comentaram: *Dura é esta doutrina, e quem a pode escutar?* (Jo VI, 61). É dura, sim, Porque a caridade que o Apóstolo descreve não se limita à filantropia, ao humanitarismo ou à lógica comiseração pelo sofrimento alheio: exige o exercício da virtude teologal do amor a Deus e do amor, por Deus, aos outros. Por isso, *a caridade nunca há de acabar; mas as profecias passarão, e as línguas cessarão, e a ciência será abolida... Agora permanecem estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade; mas a maior delas é a caridade* (1 Cor XII, 8, 13).

O ÚNICO CAMINHO

Já nos convencemos de que a caridade nada tem a ver com essa caricatura que às vezes se tem pretendido fazer da virtude central da vida do cristão. Então, por que a necessidade de a pregar continuamente? Será que é um tema obrigatório, mas com poucas possibilidades de se manifestar em fatos concretos?

Se olharmos ao nosso redor, talvez achemos razões para pensar que a caridade é uma virtude ilusória. No entanto, considerando as coisas com sentido sobrenatural, descobriremos também a raiz dessa esterilidade: a ausência de uma vida de relação intensa e contínua, de tu a Tu, com Nosso Senhor Jesus Cristo; e o desconhecimento da obra do Espírito Santo na alma, cujo primeiro fruto é precisamente a caridade.

Citando uns conselhos do Apóstolo – *Levai uns a carga dos outros e assim*

cumprireis a lei de Cristo (Gal VI, 2) –, acrescenta um Padre da Igreja: *Se amarmos a Cristo, suportaremos facilmente a fraqueza dos outros, também a daquele que ainda não amamos por não ter obras boas* (Santo Agostinho, *De diversis quaestibnibus* LXXXIII, LXXI, 7 (PL 40, 83)).

É assim que se vai elevando o caminho que nos faz crescer na caridade. Se pensássemos que devemos primeiro ocupar-nos em atividades humanitárias, em obras assistenciais, excluindo o amor do Senhor, estaríamos enganados. *Não descuidemos Cristo por causa da preocupação pelo próximo enfermo, já que devemos amar o enfermo por causa de Cristo* (Santo Agostinho, *Ibidem*).

Olhai constantemente para Jesus, que, sem deixar de ser Deus, se humilhou tomando a forma de servo

(Cfr. Phil II, 6-7) para poder servir-nos, porque só seguindo nessa mesma direção é que se revelam os anseios que valem a pena. O amor busca a união, procura identificar-se com a pessoa amada; e, ao unir-nos a Cristo, dar-nos- a ânsia de secundar a sua vida de entrega, de amor incomensurável, de sacrifício até a morte. Cristo situa-nos perante o dilema definitivo: ou consumirmos a nossa existência de forma egoísta e solitária; ou dedicarmo-nos com todas as forças a uma tarefa de serviço.

Para terminar este tempo de conversa com o Senhor, vamos pedir-lhe agora que nos conceda a graça de repetir, com São Paulo, que *triunfamos pela virtude d'Aquele que nos amou. Razão pela qual estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem o presente nem o futuro, nem a força, nem o que há de*

mais alto, nem de mais profundo, nem qualquer outra criatura poderá jamais separar-nos do amor de Deus, que está em Jesus Cristo, Senhor Nosso (Rom VIII, 37-39).

É deste amor que a Escritura canta também com palavras ardentes: *As águas copiosas não puderam extinguir a caridade nem os rios arrastá-la* (Cant VIII, 7). Foi este amor que cumulou sempre o Coração de Santa Maria, até enriquecê-la com entradas de Mãe para com a humanidade inteira. Na Virgem, o amor a Deus confunde-se também com a solicitude por todos os seus filhos. O seu coração dulcíssimo, atento até os menores detalhes – *não tem vinho* (Jo II, 3) –, deve ter sofrido muito ao presenciar aquela残酷 coletiva, aquele encarniçamento que foi, da parte dos verdugos, a Paixão e Morte de Jesus. Mas maria não fala. Como seu Filho,

ama, cala e perdoa. Essa é a força do amor.

(Homilia pronunciada em 6/04/1967)

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/com-a-forca-
do-amor/](https://opusdei.org/pt-br/article/com-a-forca-do-amor/) (23/02/2026)